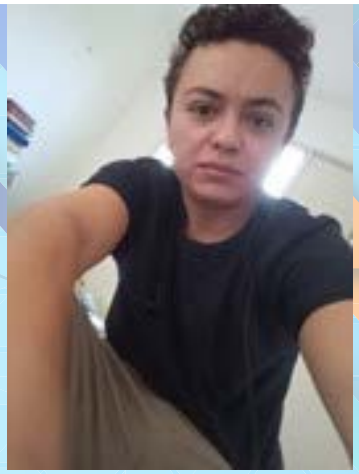
A IMPORTÂNCIA DE CONTAR E RECONTAR AS HISTÓRIAS DOS POVOS AFRICANOS PARA BEBÊS E CRIANÇAS: UM CAMINHO PARA A RESTAURAÇÃO DA IDENTIDADE



NOAH PEREIRA MELO
Graduação em Pedagogia pela Universidade São Judas Tadeu (2012). Especialista em Cultura e Arte Afro-Brasileira na Educação pela Faculdade Casa Branca – FACAB (2021). Professor de Educação Infantil no CEI Ayrton Senna da Silva, pertencente à Diretoria Regional de Educação (DRE) Capela do Socorro, São Paulo/SP.

RESUMO

Este artigo analisa a importância da contação de histórias africanas para bebês e crianças, abordando o potencial dessa prática na construção da identidade cultural e no enfrentamento ao racismo desde a primeira infância. Fundamentado na Lei 10.639/2003 e em teorias pedagógicas contemporâneas, o trabalho enfatiza a oralidade como herança ancestral e instrumento de resistência. Por meio de experiências vividas no CEMEI Jardim Kioto pertencente à Diretoria Regional de Educação (DRE) Capela do Socorro, São Paulo/SP, o estudo evidencia como o contato com narrativas africanas pode estimular o respeito à diversidade e valorização das origens culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Contação De Histórias; Identidade Cultural; Infância; Educação Antirracista; Cultura Afro-Brasileira.

INTRODUÇÃO

A experiência vivenciada num processo de reposição de greve, com leituras e contações de histórias, ao longo dos anos de 2021 e 2022, no CEMEI Jardim Kioto, provocou reflexões acerca da importância da leitura e dos contos africanos como instrumentos para a restauração identitária e o combate ao preconceito racial. A proposta está fundamentada no uso da oralidade e de elementos culturais africanos como recursos metodológicos, sendo estes objetos, adereços e ambientações.

Compreender a formação da identidade brasileira exige romper com a visão eurocentrada e considerar a perspectiva do sujeito negro. A contação de histórias nesse contexto é uma prática educativa que promove empatia, diálogo e transformação. O educador torna-se agente ativo desse

processo, assumindo-se como protagonista da sua prática pedagógica.

Além disso, a escolha da contação como estratégia central está em consonância com os estudos sobre as linguagens na infância, reconhecendo que os bebês e crianças pequenas expressam-se por múltiplas vias: gesto, olhar, som, afeto e movimento. A narrativa oral dialoga com essas formas expressivas, favorecendo o acolhimento e o pertencimento.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A contação de histórias é uma prática ancestral africana que comunica valores, sabedorias e tradições por meio da oralidade. Hampâté Bâ afirma que “na África, um ancião que morre é como uma biblioteca que se incendeia”. Nesse sentido, contar histórias é perpetuar saberes que moldam o caráter e a identidade cultural.

Autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e Cuti (Luiz Silva) defendem que uma educação comprometida com a justiça racial precisa valorizar o repertório cultural negro, inserindo-o nas vivências escolares. O apagamento dessas culturas tem sido uma das causas do racismo estrutural e de um currículo monocultural.

A Lei 10.639/2003 fortalece o direito à história e cultura afro-brasileira nas escolas, mas sua implementação exige ações pedagógicas cotidianas e comprometidas com a equidade racial. Essa legislação é reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, que colocam a valorização das africanidades como eixo fundamental.

A abordagem qualitativa descrita por Chizzotti (2000) reforça a dimensão subjetiva do conhecimento, integrando a experiência do sujeito ao processo educativo. O sujeito não é neutro: ele interpreta, dá sentido e resignifica suas vivências.

A pedagogia da presença (FRIEDMANN, 2006) também contribui para o entendimento de que é preciso estar sensivelmente aberto ao outro, reconhecer sua história e legitimá-la. Nesse sentido, contar histórias africanas não é apenas trabalhar conteúdos, mas promover vivências com sentido.

DESENVOLVIMENTO E DESCRIÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica no CEMEI Jardim Kioto envolveu o planejamento e execução de contações de histórias africanas em contextos lúdicos, sensoriais e afetivos. Utilizaram-se elementos como tecidos africanos, instrumentos musicais, bonecos de pano representativos, máscaras estilizadas, além de objetos confeccionados coletivamente pelas crianças durante o projeto.

A ambientação da sala foi transformada para que as crianças vivenciassem uma “roda de histórias” inspirada nos espaços tradicionais africanos de transmissão oral, com tecidos coloridos no chão, baús com adereços e instrumentos como tambores e chocalhos.

Contos como “O tambor de Zumbi”, “Anansi, a aranha”, “A cor da pele” e “O leão e o coelho esperto” foram escolhidos por sua simbologia cultural e por oferecerem representações positivas de protagonistas negros. As histórias foram adaptadas para a linguagem visual, gestual e sonora, considerando o público de bebês e crianças pequenas.

As crianças participaram ativamente das encenações, imitavam sons de animais, manipulavam objetos das histórias e comentavam espontaneamente os episódios. As professoras atuavam como narradoras e mediadoras, criando uma atmosfera afetiva e interativa.

O planejamento envolveu também o uso de livros com ilustrações afrocentradas, cantigas tradicionais africanas, roda de capoeira adaptada e oficinas de corpo e movimento com ritmo. Os registros eram feitos por meio de portfólios fotográficos e relatos reflexivos da equipe docente.

Famílias foram convidadas a compartilhar histórias de suas infâncias, fortalecendo os laços entre escola e comunidade. Houve encontros com autores negros locais e a participação em atividades coletivas da DRE Capela do Socorro com foco em ações de equidade.

Na busca por tornar a contação de histórias ainda mais encantadora e acessível, as contações ganharam um recurso especial: um triciclo adaptado exclusivamente para a arte de narrar histórias. Mais do que um simples meio de transporte, ele se transformou em um verdadeiro palco ambulante da imaginação.

O triciclo foi cuidadosamente pintado na cor laranja vibrante, escolhida não apenas por sua energia e alegria, mas também por sua simbologia – um tom que remete às raízes afro-brasileiras, valorizando a cultura, a ancestralidade e a diversidade presente em nossa comunidade escolar. Essa escolha cromática evoca o calor da oralidade africana, as fogueiras em torno das quais histórias são tradicionalmente contadas, e o brilho do entardecer nos sertões e quilombos.

Acoplada ao triciclo, há uma carretinha multifuncional, projetada para transportar elementos cênicos, livros, instrumentos musicais e adereços que enriquecem as apresentações. Em determinados momentos, ela também serve como espaço lúdico onde as crianças podem embarcar – literalmente – na narrativa, interagindo com o veículo e sentindo-se parte da história.

O Triciclo da Imaginação não apenas percorre os pátios e corredores da escola: ele atravessa mundos e tempos, levando os alunos por viagens literárias, culturais e afetivas. Ao unir mobilidade, arte e pertencimento cultural, essa iniciativa fortalece os vínculos entre educação e ludicidade, transformando cada contação de história em uma experiência inesquecível.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da prática evidenciaram avanços no reconhecimento da identidade cultural pelas crianças. Expressões como “essa princesa parece comigo” ou “o cabelo dela é igual ao meu” revelam os efeitos da representatividade. O projeto também contribuiu para o fortalecimento das práticas docentes e a construção de um currículo mais inclusivo.

Crianças pequenas já manifestam atitudes racistas internalizadas. A contação de histórias africanas ajuda a desconstruir esses estigmas e a reconstruir uma visão de mundo mais justa. A escola, ao assumir essa responsabilidade, contribui para formar cidadãos conscientes, empáticos e respeitosos.

A avaliação da prática foi realizada por meio da escuta sensível das crianças, análise dos desenhos, registros de falas e observações durante as atividades. Verificou-se um aumento da curiosidade das crianças sobre o continente africano, a valorização de cabelos crespos e traços negros, além de maior engajamento nas rodas de conversa.

A implantação do Triciclo da Imaginação como recurso pedagógico para contação de histórias evidenciou resultados altamente positivos no ambiente escolar. Desde sua introdução, observou-se um aumento significativo no engajamento das crianças durante as atividades de leitura e narração oral. A presença do triciclo, com seu visual atrativo e caráter lúdico, despertou a curiosidade dos alunos, funcionando como um elemento motivador que os conduzia naturalmente para o universo da imaginação e da escuta ativa.

A carretinha acoplada ao triciclo teve papel fundamental na dinâmica das atividades. Além de facilitar o transporte de materiais, ela foi integrada às ações pedagógicas como espaço de interação direta com as crianças, seja para a dramatização de histórias, seja para breves passeios que simulavam “viagens” literárias. Essa possibilidade de movimento e participação física fortaleceu a relação das crianças com os textos, promovendo maior retenção das histórias e envolvimento emocional com os personagens.

Outro ponto relevante foi a ampliação do acesso. O fato de o triciclo circular pelos diferentes espaços da escola – como pátio, salas e corredores – garantiu que alunos de diferentes turmas pudessem vivenciar a experiência, mesmo fora do contexto tradicional da biblioteca ou da sala de leitura. Isso democratizou o contato com os livros e favoreceu uma cultura de escuta e imaginação em diferentes momentos da rotina escolar. Por fim, relatos dos próprios alunos, bem como a observação dos educadores, apontaram que o triciclo se consolidou como um recurso afetivo dentro do cotidiano da escola. Ele passou a ser aguardado com expectativa, contribuindo para o fortalecimento do vínculo dos alunos com os mediadores de leitura e com os próprios livros.

Do ponto de vista institucional, o projeto estimulou o engajamento dos profissionais da unidade em reflexões sobre práticas antirracistas, ampliando o repertório de leitura da equipe e incentivando a inclusão de autores negros na rotina pedagógica. Foram realizados encontros formativos com a rede de professores da região.

As mudanças se refletiram também nos materiais didáticos e nos murais da unidade, com a presença de elementos culturais afro-brasileiros em destaque. A prática extrapolou os muros da escola, alcançando as famílias, que passaram a buscar livros infantis com protagonistas negros e a reconhecer a importância dessas histórias no desenvolvimento das crianças.

A proposta de contação de histórias africanas desenvolvida neste trabalho está em consonância com os princípios do Currículo da Cidade de São Paulo, especialmente no campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, que valoriza a oralidade como forma de

expressão cultural, pertencimento e identidade. Ao promover o contato com narrativas de matriz africana, a prática contribui para que as crianças desenvolvam empatia, reconhecimento de si e do outro e senso de justiça social.

Além disso, o artigo dialoga diretamente com as diretrizes do Currículo Antirracista da Cidade de São Paulo, que orienta as unidades educacionais a desenvolverem ações intencionais no combate ao racismo estrutural. O uso de histórias africanas como recurso pedagógico representa uma estratégia concreta de valorização da ancestralidade negra, reconstrução da identidade étnico-racial e promoção de práticas inclusivas desde a infância.

CAMINHOS PARA A PRÁTICA ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A contação de histórias deve ser parte de um projeto pedagógico amplo que valorize a diversidade e promova a justiça social. Isso inclui a seleção intencional de livros com protagonismo negro, a formação contínua de educadores, a escuta atenta das crianças e a articulação com a comunidade escolar.

É essencial que o currículo contemple não apenas conteúdos afro-brasileiros, mas também abordagens que promovam o pensamento crítico, a valorização da diferença e a ruptura com práticas discriminatórias. O ambiente escolar precisa ser um espaço de afirmação da identidade negra.

A Lei 10.639/2003 representa um ponto de partida, mas é necessário compreender que a efetivação dessa legislação se dá no cotidiano da escola. A formação dos profissionais da educação é imprescindível para que possam lidar com temáticas étnico-raciais de forma crítica, reflexiva e emancipatória.

Além disso, é urgente que os espaços de decisão pedagógica sejam ocupados por vozes plurais, que compreendam o racismo como estruturante das desigualdades e estejam comprometidos com uma educação que repare as injustiças históricas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de contar histórias africanas é um instrumento potente de transformação. Ela permite que crianças se reconheçam nas narrativas e fortaleçam sua autoestima. Além disso, promove o diálogo, a empatia e a valorização da diversidade no ambiente escolar.

Como afirma Paul Ricoeur (2006), o reconhecimento de si envolve memória e promessa: compreendermos o passado, vivermos o presente e construirmos o futuro. Contar histórias africanas é uma forma de restaurar o passado silenciado e prometer um futuro mais justo.

Narrativas são caminhos para o autoconhecimento, para a construção da autonomia e da liberdade. Elas convidam à reflexão e ao reconhecimento do outro como parte fundamental da experiência humana. Portanto, contar histórias não é um ato neutro, mas uma escolha ética, política

e pedagógica.

Esse trabalho é também um convite à sensibilidade e à escuta das vozes historicamente apagadas, oferecendo às crianças, desde a primeira infância, oportunidades para experienciar uma educação antirracista, plural e comprometida com a dignidade humana.

Deseja-se, por fim, que este artigo inspire outras instituições a ousarem narrativas negras, a escutarem a ancestralidade e a construírem práticas pedagógicas que acolham a infância em sua inteireza e diversidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Jurandir de Almeida; MORAIS, Rossival Sampaio. **A relevância em se trabalhar a literatura infantil afro-brasileira na educação infantil**. africanas.com, 05, 2014.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. L**ei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

ELIAS, Denize Aparecida; ARAÚJO, Ana Maria dos Santos. O **ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas**. São Paulo, 2012.

FRIEDMANN, Adriana. **O desenvolvimento da criança através do brincar.** São Paulo: Moderna, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para a diversidade**. São Paulo: Autêntica, 2012.

MEIRELES, Cecília. **Literatura infantil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 2004.

OLIVEIRA, Martha Kohl de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio--histórico.** São Paulo: Scipione, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento.** São Paulo: Loyola, 2006.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.

TORRES, Maurivan Gomes; TETTAMANZY, Marlene. **História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil.** São Paulo: Cortez, 2008.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. C**urrículo da Cidade: Educação Infantil.** São Paulo: SME, 2019.

SÃO PAULO (Município). **Secretaria Municipal de Educação. Currículo da Cidade: Educação Infantil – Proposta curricular antirracista.** São Paulo: SME, 2022.